Debate sobre Gênero nas Escolas: e eu com isso?



Entre, vamos discutir!

Escola: espaço de desenvolvimento integral

A Constituição Federal de 1988 prevê o combate à toda a forma de discriminação e preconceito presentes na sociedade brasileira, a partir do princípio de igualdade e dignidade humana.

Portanto, cabe à escola, espaço público de promoção ao desenvolvimento integral da criança e da(o) adolescente, garantir o compromisso ético e legislativo de respeito e incentivo à diversidade sexual, étnico-racial, entre outros.

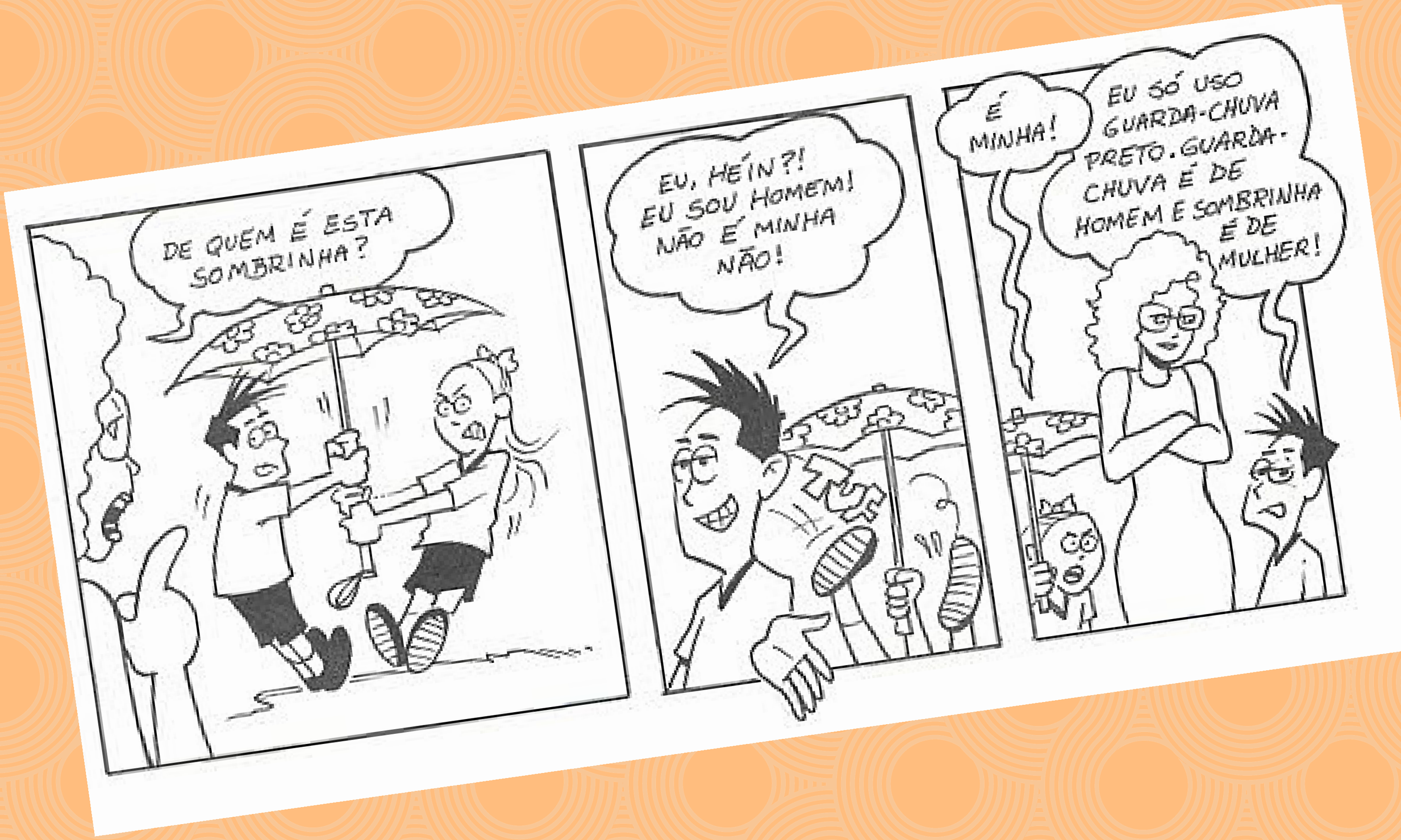
Não há uma fragmentação entre os processos educativos e de escolarização, eles ocorrem conjuntamente e fazem parte do tornar-se humano, visando o reforço aos Direitos Humanos e às liberdades fundamentais, favorecendo a compreensão, a tolerância, a amizade entre todas(os) e a convivência em sociedade.

Sendo assim, o papel de todas as escolas perpassa o ensino de conhecimento científico, mas também envolve a formação de pessoas para uma sociedade mais justa, respeitando todas as diversidades e modos de viver.

Identidade:

Os diferentes modos de ser e viver

Identidade é o modo como consideramos o que somos, quem somos, como nos enxergamos, como vivemos, para além de nossas características físicas. A identidade é construída nos espaços da sociedade em que participamos, como família, escola, religião, trabalho, etc.



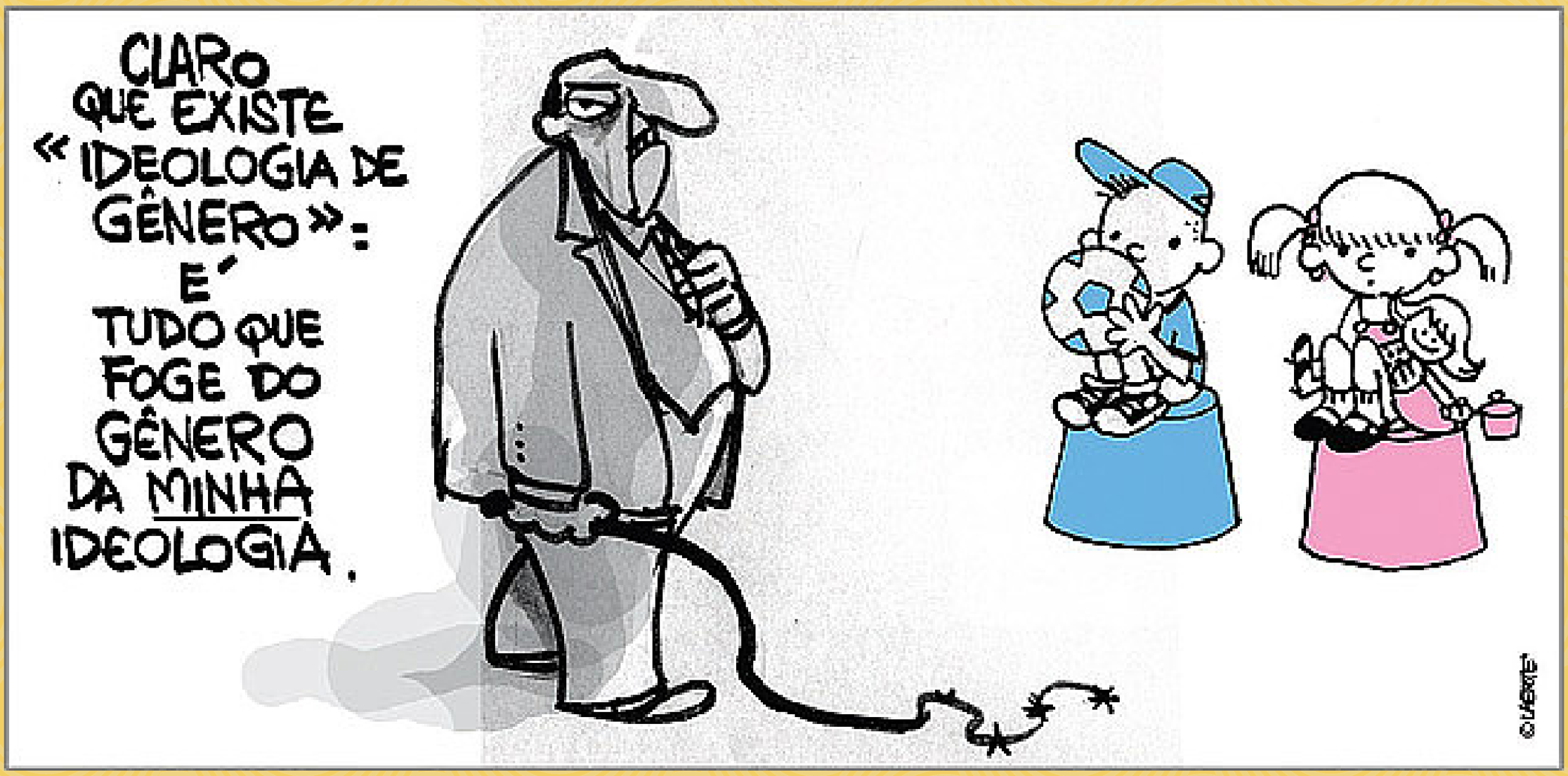
Igualdade e ideologia de gênero:

o que isso tem a ver?

Igualdade significa que todas(os) tenham a possibilidade de participar igualmente das atividades sociais, seja no trabalho, no lazer, na escola ou na família, sem que ninguém seja excluída(o) pelas atividades que deseja exercer, ou seja, que todas as pessoas não sejam obrigados a agir da mesma forma.

Ideologia é um conjunto de ideias que organiza as relações sociais e fazem parte de um tempo histórico e são mantidas pela sociedade desse tempo. Por exemplo, há 80 anos as mulheres não tinham o direito de votar.

Garantir igualdade é assegurar que toda identidade seja respeitada, sem que uma ideologia imponha um modo de viver, pensar e agir, sobre a outra.



Gênero e sexo biológico

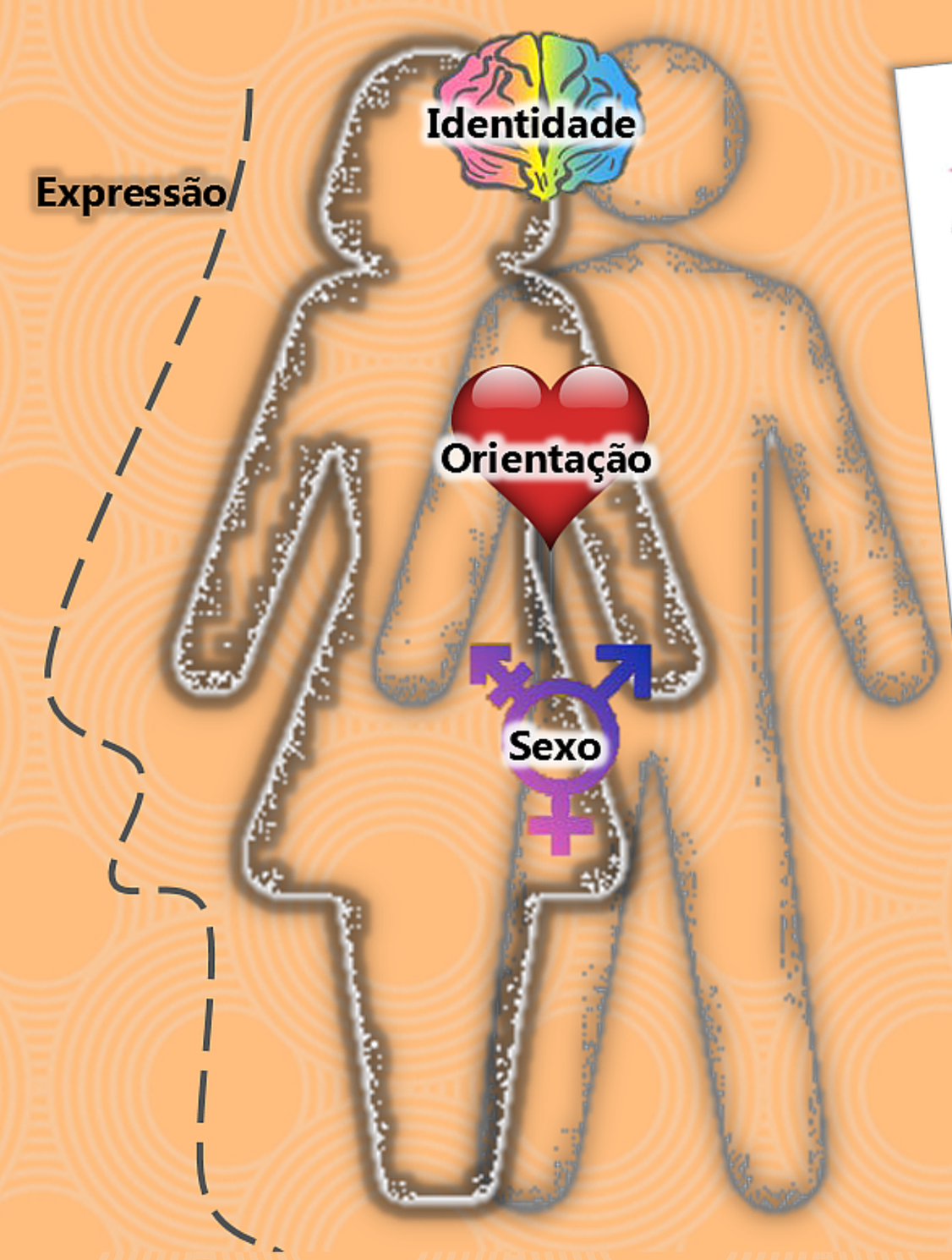
a relação entre eles

Compreende-se o sexo biológico como características do corpo determinadas geneticamente, ou seja, traços físicos que são expressos pela genética que cada um(a) possui.

Gênero são os comportamentos, pensamentos, modos de viver que são determinados pela cultura em que estamos inseridas(os), e que, muitas vezes, associa-se ao sexo biológico, sem a compreensão de que se referem às diferenças sociais.

No processo de desenvolvimento das crianças as brincadeiras são diferenciadas: meninos brincam mais de carrinho, meninas de cozinhar e de casinha. Isso é ideologia de gênero. Dessa forma, nosso gênero vai sendo construído. Quando adultos, essas diferenças também estão presentes no nosso convívio social: podemos perceber que mais homens do que mulheres entendem sobre mecânica, e mais mulheres do que homens sabem cozinhar. Assim, ao longo da nossa vida assimilamos condutas ligadas ao sexo que nascemos. Isso é ideologia de gênero.

No entanto, muitas vezes rompemos com esses comportamentos por necessidade, como exemplo, podemos observar muitas mulheres que têm que sair de casa para trabalhar fora, e homens que precisam ficar em casa para cuidar dos filhos.





A discussão sobre sexualidade, sexo e gênero faz emergir os efeitos que essas desigualdades experimentadas por homens e mulheres têm em suas experiências cotidianas.

Resumindo, sexo é associado à: mulher/homem, fêmea/macho e gênero como feminino/masculino.

Por que discutir gênero na escola?

Nota Técnica nº 24/2015

A Nota Técnica 24/2015 formulada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão e pela Diretoria de Políticas da Educação em Direitos Humanos e Cidadania, tem o objetivo de auxiliar nossa discussão sobre o tema. A seguir, veja parte das considerações finais apresentadas:

O conhecimento científico já produzido neste campo nos leva à compreensão de que o centro do debate não está em se a escola deve ou não falar sobre gênero e orientação sexual, mas sim em perceber **como** ela já fala – **onde, quando, por que caminhos e com efeitos**.

Os conceitos de gênero e orientação sexual podem ajudar a **compreender as desigualdades históricas entre homens e mulheres**, além de ser central na compreensão (**enfrentamento**) de diferentes formas de **discriminação e violência**, incluídos o machismo, o sexismo, a homofobia, o racismo e a transfobia, que se reproduzem também em espaços escolares.

Nota Técnica nº 24/2015

Os conceitos de gênero e orientação sexual podem contribuir também para fortalecer a relação da escola com as famílias. Há hoje uma diversidade de arranjos familiares que precisa ser reconhecida e respeitada pelos sistemas de ensino. Famílias que, nas suas diferentes configurações, têm o mesmo direito constitucional de participar da educação de seus filhos e filhas.

Tudo isso evidencia o quanto é urgente ampliar estratégias de formação e gestão que permitam que gestores/as e profissionais de educação reflitam sobre como a educação escolar incide na produção de representações, práticas e identidades de gênero e Sexualidade. Sobre como estes aspectos vem sendo tratados no cotidiano da escola. Sobre suas implicações para o currículo, a prática pedagógica e a gestão escolar.

Diante do exposto e tendo em vista as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, que definem como seus fundamentos, entre outros, a dignidade humana; a igualdade de direitos; o reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; a laicidade do Estado e a democracia na educação, o Ministério da Educação reitera a importância dos conceitos de gênero e orientação sexual para as políticas educacionais e para o próprio processo pedagógico. É conhecimento cientificamente produzido que não pode ser excluído do currículo. É categoria-chave para a gestão, para a formação inicial e continuada de profissionais do magistério e para a valorização da carreira docente.

Por fim, é categoria central no processo de construção de uma escola efetivamente democrática, que reconheça e valorize as diferenças, enfrentando as desigualdades e violências e garantindo o direito a uma educação de qualidade a todos e todas.

Ministério da Educação. (2015). Nota técnica nº24/2015. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão e a Diretoria de Políticas da Educação em Direitos Humanos e Cidadania - Brasília, DF.

Desigualdade de gênero e violência: o sofrimento daquelas(eles) que não se enquadram no padrão

R.M. - Agredida pelo pai por andar de skate

V.L. - Escutou de um colega de escola que deveria morrer por ser gay

G.F. - Lésbica, foi estuprada por um homem que disse que iria faze-la aprender a gostar de homens

A.V.S. - Alvo de humilhações e ofensas verbais em sala de aula por outro jovem na presença do professor por ter trejeitos "afeminados"

F.B. - Agredido após ser pego brincando de boneca escondido.

S.R. - O marido a proibia de sair com as amigas, após tentar mais uma vez o término da relação, foi assassinada pelo mesmo.

G.M. - Esfaqueada por um homem que a considerava não-humana por ser travesti.

O preconceito exclui, machuca e mata, diga não à intolerância, e sim ao respeito e cidadania!

Equipe ECOAR

Raquel Souza Lobo Guzzo
(Coordenadora do Grupo de Pesquisa)

Flávia de Mendonça Ribeiro
Juliana Bernal Leme
Tamiris da Silva Cantares
Jacqueline Meireles
Carolina Nascimento Dias
Gabriel Silveira Mendonça
Mariana Lemos Maia Pereira
Laura Casagrande Leon dos Santos
Ludmilla Fernandes Braga Santos
Mariana Feldmann
Nathália Cândido Oliveira

APOIO: Associação de Promotoras Legais Populares Cida da Terra de Campinas

Grupo de pesquisa:
Avaliação e intervenção psicossocial - Prevenção, Comunidade e Libertação

PUC-Campinas
Centro de Ciências da Vida
Av. John Boyd Dunlop, s/n, Jardim Ipaussurama - Campinas - SP
Telefone: 19.3343.6867